

Inquérito ao potencial científico de Cabo Verde

Estudo exploratório

Organização e leitura de Paulo Mendes Pinto e Aquilino Varela
(Gabinete de Investigação da Un. Lusófona de Cabo Verde - GIUL-CV)

No âmbito do processo de lançamento do 1º Congresso Internacional: Ciência, Inovação e Desenvolvimento na Lusofonia, organizado pela Universidade Lusófona de Cabo Verde (ULCV), e a ter lugar em outubro de 2023, decidiu o Gabinete de Investigação da referida universidade lançar mãos a um breve estudo que ajudasse a criar um grupo de definições e de questões iniciais que fossem a base da escolha das problemáticas a serem propostas para reflexão e debate pelos investigadores.

Pretendia-se chegar junto do maior número possível de investigadores cabo-verdianos e realizar uma auscultação que permitisse dar voz a esses investigadores, lançando para quem está no terreno o repto para nos municiar com o conhecimento efetivo que

Este levantamento e análise realiza-se no âmbito da preparação do I Congresso Internacional “Ciência, Inovação e Desenvolvimento na Lusofonia”, que decorrerá em outubro de 2023, na Universidade Lusófona de Cabo Verde.

Pedimos a colaboração de todos os investigadores cabo-verdianos através da resposta a este breve formulário, que nos ajudará a criar uma imagem das áreas de investigação, preocupações e identificação de linhas de desenvolvimento.

O inquérito foi enviado para cerca de duzentos investigadores identificados através dos conhecimentos dos membros das comissões deste congresso. Obtivemos 56 respostas, mais de 25% do total, o que valida a amostra e nos dá um patamar de solidez na leitura apresentada.

Com um quadro tão significativo de respostas, podemos concretizar o objetivo principal deste inquérito: municiar a organização deste I Congresso de uma leitura que seja, de facto, imagem da realidade dos investigadores cabo-verdianos e, assim, nos permita compreender o que entendem sobre o lugar da Ciência para o desenvolvimento.

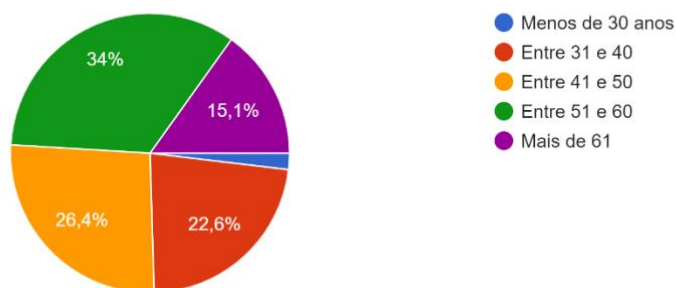
O inquérito foi anónimo e nenhum dado pessoal foi recolhido, assim como é impossível identificar os sujeitos das respostas.

1. Identificação

1.1. Idade

A idade dos inquiridos apresenta-se significativamente bem distribuída em quatro grupos da faixa etária. Contudo, um olhar mais cuidado mostra-nos duas características que importa analisar. Por um lado, a faixa com maior incidência é dos maiores de 51 anos, com 34% dos resultados e, por outro, a quase inexistência de investigadores abaixo dos 30 anos de idade.

Idade
53 respostas

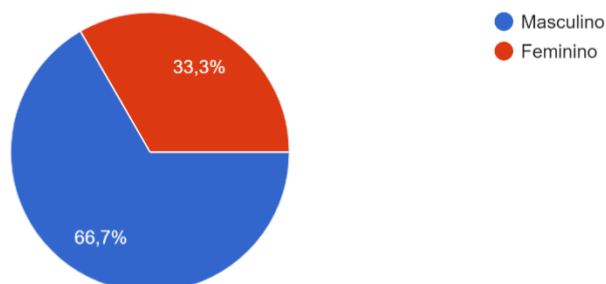


O quadro é francamente demonstrador de uma inversão do que seria uma tipologia mais coerente com um investimento sólido na investigação, em que teríamos uma faixa significativa de investigadores em formação, portanto, abaixo dos 30 anos de idade. Essa faixa, ao ser quase inexistente, revela que neste momento não está em formação uma geração que venha a dar o seu contributo, em termos de maturidade, no futuro.

1.2. Género

Um olhar para a questão relativa ao género também nos mostra um aspeto que merece atenção: o quadro as respostas ainda nos apresentam uma situação bastante marcada por uma desigualdade de género: os homens são quase 67% do total de inquiridos que responderam, contrariando em bastante o equilíbrio populacional de Cabo Verde onde as mulheres são 50,3% do total da população.

Género
54 respostas

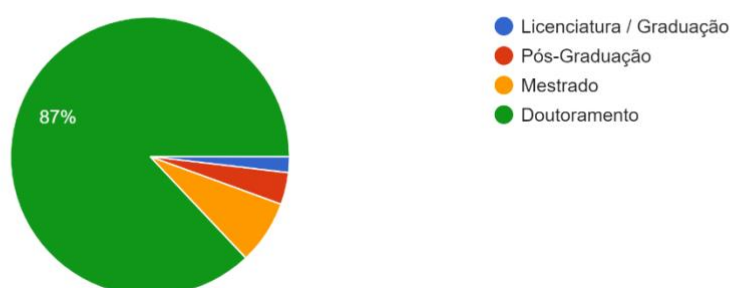


2. Graus académicos e trabalho em ciência

2.1. Posição face ao trabalho e à formação

A questão 1.1., centrada na idade dos inquiridos, é em parte consolidado na sua leitura através deste outro aspeto da caracterização geral. Como se pode constatar, 87% dos investigadores que respondera, a este estudo, dizem ser Doutorados. A faixa com o Mestrado é de apenas 7,4%, a que pode corresponder uma leitura que nos diz que os jovens investigadores em formação são muito escassos. Há, neste momento, poucos cientistas em formação, mostrando-nos este inquérito um desequilíbrio etário que merece respostas e políticas adequadas.

Qual o seu mais elevado grau a académico?
54 respostas



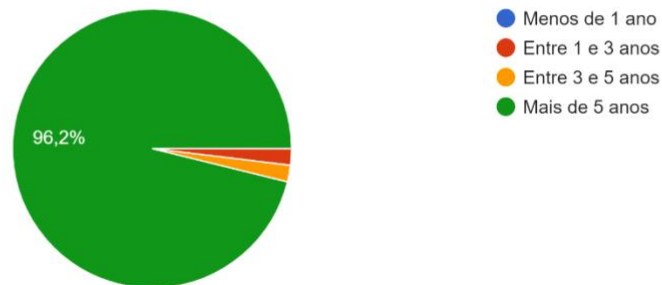
Confirmando a leitura antes avançada, verificamos que a esmagadora maioria dos inquiridos, mais de 96%, trabalha em ciência há mais de 5 anos, mostrando uma continuidade que verifica o facto de já serem, na sua maioria doutorados. Se não há jovens investigadores, também não há quem trabalhe em ciência há pouco tempo.

Quem trabalha em ciência há menos de cinco anos reúne em si apenas 3,8% do universo de respostas. Não poderíamos ter resultados mais claros na caracterização de um quadro onde a passagem geracional parece estar comprometida.

Quase todos os que se apresentam como investigadores, são Doutorados, têm, na sua maioria mais de 40 anos de idade, e trabalham há mais de cinco anos.

Há quantos anos trabalha em ciência?

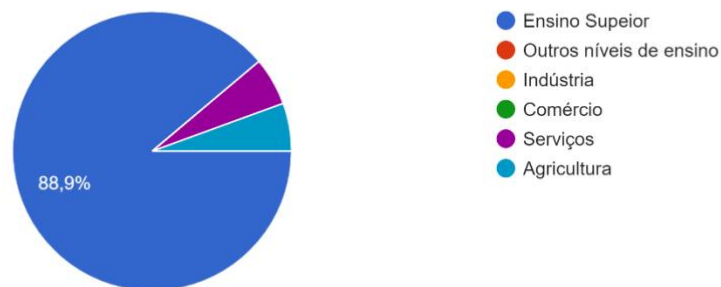
52 respostas



Corroborando as leituras anteriores, quase 90% dos inquiridos trabalha numa universidade, sendo quase inexistente outro quadro profissional. Verifica-se a ainda muito forte dependência da investigação dos órgãos mais tradicionalmente relacionados com a pesquisa. Não foram ainda dados os passos para que a investigação seja parte das empresas ou de outras entidades, sendo esse um dos grandes desafios.

Em que setor tem a sua atividade profissional de maior dedicação?

54 respostas



2.2. Áreas científicas e trabalho

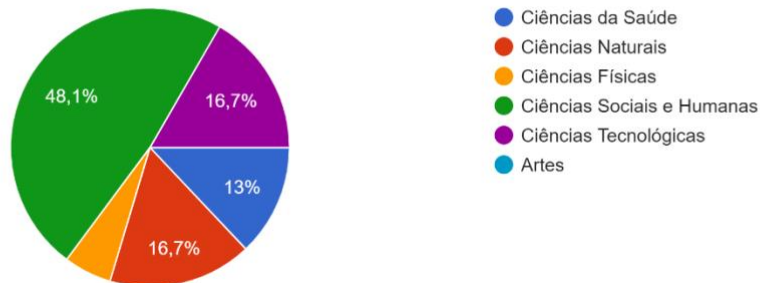
O olhar para as áreas científicas dos investigadores é do máximo interesse. Com justificação na evolução histórica da investigação e do Ensino Superior, verifica-se que o campo lato das Ciências Sociais e Humanas ocupa quase 50% da atividade dos inquiridos, resultado do facto de terem sido estas as áreas de maior aposta nas primeiras dezenas de anos após a independência.

Contudo, esse grande peso é já contrabalançado com valores muito significativos nas outras áreas do conhecimento, tendo valores já interessantes as Ciências Naturais, as da Saúde, as Físicas e as Tecnológicas. Ver, mesmo, o significativo equilíbrio entre elas,

imagem de uma capacidade instalada, da existência de uma massa-crítica, que pode abraçar projetos com vocações disciplinares muito diversos. A mão de obra de ciência é diversificada e, assim, com um potencial instalado muito bom.

Em que área desenvolve a sua atividade científica

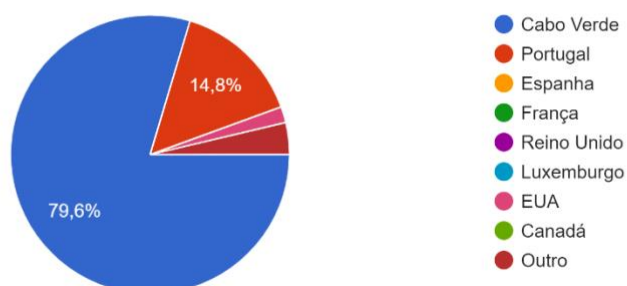
54 respostas



Com alguma naturalidade, verificou-se que a maioria dos investigadores trabalha em Cabo Verde e, na diáspora, é Portugal o primeiro destino. Contudo, este olhar apresentado neste gráfico deve também corresponder a uma outra dimensão que nos escapa em parte: o número de investigadores cabo-verdianos em diáspora deve ser maior, falhando é as ferramentas para a eles ter acesso. De facto, apenas conseguimos chegar a um muito reduzido número de investigadores no estrangeiro, através de um “passa palavra”, não existindo nenhum organismo que centralize essa informação e, assim, a agilize e otimize esse património riquíssimo que são os investigadores integrados noutros quadros de investigação mais desenvolvidos.

Em que país desenvolve a sua atividade científica

54 respostas

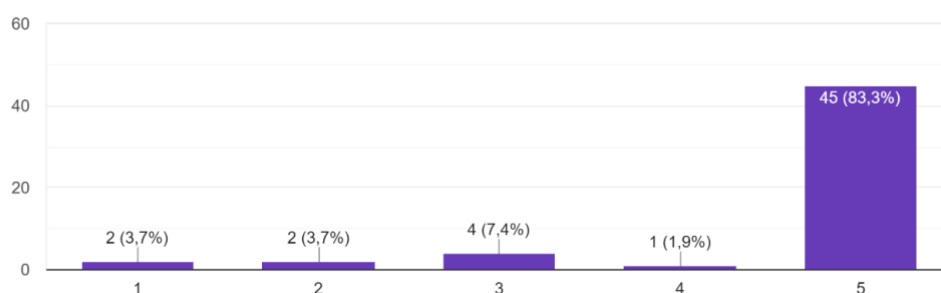


3. O valor da investigação e o desenvolvimento

No que respeita ao peso e ao lugar da investigação percecionado, pelos próprios investigadores, para o desenvolvimento de Cabo Verde, os resultados são claros: 83,3% acha da máxima importância esse lugar. Temos valores residuais noutros valores, mas nada que altere uma leitura em que os investigadores encaram a sua atividade como altamente benéfica, mostrando-nos uma visão bastante contemporânea onde a inovação deve ser arte do projeto de uma sociedade.

Numa escala de 1 a 5, diga qual a importância que a Inovação e a Investigação têm para o Desenvolvimento de Cabo Verde?

54 respostas

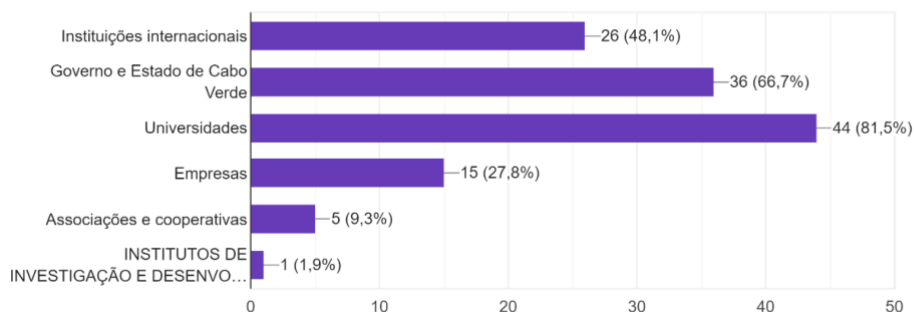


Mas quando saímos desta questão muito genérica e aberta e perguntamos quem eles vêm a fazer o investimento, então o quadro muda um pouco no sentido de uma visão ainda muito estatista, muito ligada ao Estado e, fundamentalmente, às universidades.

Analisados os números, é muito reduzida a percentagem de investigadores que concebe esse desejado desenvolvimento sem o investimento direto do Estado e das universidades. A realidade da investigação enquadrada por outras entidades, sejam empresas, ou não, ainda é francamente embrionária e não faz parte da forma como os investigadores imaginem a investigação a desenvolver-se em Cabo Verde.

Que entidades acha que mais podem ajudar ao desenvolvimento da comunidade científica em Cabo Verde - escolha apenas duas opções

54 respostas



4. Áreas prioritárias para o desenvolvimento

O inquérito tinha como última questão a indicação das áreas que julgassem prioritárias para o desenvolvimento de Cabo Verde. Era uma questão aberta.

Os resultados desta questão foram de uma clareza que nos espantou, quer pela unanimidade, quer pela foga às áreas de cada um, sendo o foco, claramente, o do interesse coletivo.

Quase todas as propostas se podem incluir nos seguintes descritores:

- Economia azul
- Economia verde
- Economia digital
- Turismo
- Energias renováveis
- Tecnologia e Inovação
- Mar, Agricultura e Pesca
- Cultura e História
- Saúde Pública
- Património cultural

Este quadro é, de forma muito sólida, uma visão bastante atual da Ciência e do desenvolvimento, com uma clara marca de sustentabilidade e de humanismo. Podemos perfeitamente afirmar que a comunidade científica de Cabo Verde está integrada na visão mais valorizada pela generalidade dos investigadores, valorizando as transições que hoje são necessárias para atingir os ODS (Objetivos de Desenvolvimento) da Agenda 20-30.

Relatores:

Paulo Mendes Pinto

Aquilino Varela

Presidência da Comissão Científica

I Congresso Internacional "Ciência, Inovação e Desenvolvimento na Lusofonia"